

Quero rapidamente expressar, primeiro, a minha satisfação pela maneira gentil e calorosa com que vocês se manifestaram aqui nesta manhã e, mais do que isso, a minha expectativa, a minha esperança de que esse sistema novo que está sendo desenvolvido no Brasil, do Pronaf, da assistência direta à agricultura familiar, continue prosperando.

Eu me recordo de que, no início do Governo, no Ministério da Agricultura, o Dr. Murilo Flores insistia muito sobre a importância do Pronaf. E havia muita desconfiança, não no Ministério da Agricultura, mas no sistema financeiro brasileiro, sobre como seria possível atingir aquele pequeno produtor familiar, que é, na verdade, a base da oferta de emprego no campo. E o nosso sistema bancário e financeiro em geral não foi montado para atender ao pequeno – tenho dito isso aqui muitas vezes e repito hoje –, foi montado para atender ao grande.

Então, isso significa uma revolução de expectativas, uma revolução na cabeça das pessoas, cultural, porque há desconfiança de que o pequeno não paga, há desconfiança de que custa mais, financeiramente, o desempenho do banco e que o recurso que ele vai ganhar depois não compensa.

Bem, nós estamos mudando esse processo. E, no caso do Pronaf, especificamente, eu creio que nós já podemos falar em êxito. Por quê? Porque as metas estão sendo alcançadas, e até vão ser superadas. No primeiro ano de funcionamento, foram trinta e poucas mil famílias atendidas. No ano passado, foram 330 mil famílias atendidas. Neste ano, serão mais. E nós temos recursos. O problema não é de recurso. O problema é viabilizar o atendimento e fazer com que aquele que precisa receba; e que haja um instrumental para isso.

O próprio elemento que você deu, a respeito da questão dos bancos, é verdadeiro. Os bancos estão diminuindo. Por quê? Porque no Brasil havia um inchaço do sistema financeiro. No Brasil tudo era especulação, tudo eram finanças. Então, crescia banco como cogumelo. E alguns desses cogumelos estavam envenenados. Então, não serviam para ajudar a manutenção da economia brasileira. Hoje, o sistema financeiro está encolhendo. É um sinal de vitalidade da economia brasileira e de um novo rumo, um rumo melhor para a economia brasileira, porque não tem uma atividade financeira que serve a ela própria e não à produção.

Agora, nós temos que criar os mecanismos que substituam essa rede que se tornou inoperante, nas novas condições de uma economia não-inflacionária. É isso que é o Pronaf. E é para isso que precisa haver cooperativa. E é muito importante que o Banco Cooperativo – que, aliás, eu que autorizei, porque não havia o Banco Cooperativo – tenha a sensibilidade de utilizar os seus canais para fazer acordos com as cooperativas de produtores e que o Pronaf possa, realmente, continuar sendo efetivo. E o Banco do Brasil também tem que entrar nessa nova mentalidade.

Não é só o Banco do Brasil. O Banco do Nordeste está aplicando um esforço muito grande nessa direção também. O Banco do Nordeste fazia 20 mil contratos por ano. Agora, está fazendo 20 mil contratos por mês. E vai aumentar a progressão, porque se criou, lá, no Nordeste, algo que se chama Agente Comunitário de Desenvolvimento – funcionários do Banco do Nordeste, que, com esse, digamos, esvaziamento da atividade financeira, não teriam o que fazer e seriam postos na rua; em vez de irem para a rua, se transformaram em agentes de

desenvolvimento e passaram a atuar lá, na ponta, para oferecer empréstimo a quem precisa.

E o dado que foi transmitido hoje, aqui, é muito significativo: a média do empréstimo é de mil e poucos reais. Eu me lembro de que, logo no início do Governo, no Amazonas, eu falei do “banco do povo”, idéia que, hoje, está prosperando. Não é fazer um banco do Governo chamado Banco do Povo, porque isso não adianta. É, ao contrário, fazer com que a própria sociedade civil, os grupos da sociedade se organizem e criem mecanismos de empréstimo pequeno para aquelas pessoas que têm medo de entrar numa agência bancária, mesmo da Caixa Econômica, que nunca entraram e não se sentem cómodas na agência bancária. E chega na agência bancária, o gerente vai perguntar: “E quem te dá aval?” “O que é aval?” Ninguém sabe. A pessoa nunca ouviu falar de aval, não é? “Cadê seu imposto de renda?” Não tem. Quer dizer, é para essa gente que nós precisamos ter, hoje, mecanismos de crédito.

Então, custa a criar na cabeça das pessoas, dos funcionários, dos próprios bancos privados, das cooperativas a idéia de que nós temos que atender a quem precisa e que quem precisa não tem as condições formais para ser atendido pelo sistema institucional vigente. O Pronaf é um aríete, é uma ponta de lança muito importante, porque é um mecanismo de chegar àqueles que precisam. É um começo, mas é um bom começo. E aqui está o resultado. Vocês sabem, melhor do que ninguém, que é por aí que as coisas andam.

Nós estamos dando muito apoio a esse tipo de modificação, que nas estatísticas não vão aparecer. As estatísticas só vão captar os números grandes, os números tradicionais. Aqui, o que é importante é essa capilaridade, chegar lá embaixo, com múltiplos canais, para que as pessoas tenham um certo apoio. Da mesma maneira, estamos criando, agora – aí, em outra área, que não é no Ministério da Agricultura e nem é para os que já estão assentados, já têm propriedade familiar, já nos assentamentos –, uma coisa diferente, que é a utilização das cédulas da terra, utilização de mecanismos de mercado.

O BNDES, junto com o Inbra, vai financiar quem quiser comprar um pedacinho de terra. Não precisa fazer ocupação, não precisa desa-

propriad. Tem muita terra que está, aí, posta à venda, com preço baixo, e há recurso para ser utilizado nessa compra. Depois, a gente põe o Pro-serra, põe o Pronaf e consegue criar, então, mecanismos não burocráticos, para que a pessoa possa dizer onde ela vai querer seu pedaço de terra. Não precisa ficar organizado num acampamento para, depois, invadir uma terra. Não vai precisar disso. Vai ter acesso à terra.

Isso só vai funcionar, o acesso à terra, vocês sabem muito melhor do que eu, se, junto com o acesso à terra, tiver o que foi dito aqui: assistência técnica, formas de empréstimo adequadas, formas de financiamento e o empréstimo não só para comprar alguns instrumentos de produção, mas para financiar a safra. E financiar nessa maneira, porque, muitas vezes, a pessoa não está calculando nem em dinheiro, está calculando em saca de milho ou do que seja. E isso é uma nova mentalidade.

Essa nova mentalidade vai depender não é do Governo só, é do País, é de que todo mundo entenda e lute por isso e modifique. O que o Governo pode fazer – e, no caso, aqui, já foi feito; e vamos fazer mais – é atribuir os recursos, forçar as estruturas existentes para que elas atendam àquele que precisa. Mas é preciso também que a própria sociedade faça o que vocês estão fazendo: se organize, faça seus congressos, busque mais apoio, busque multiplicar as experiências e tenha confiança de que haverá continuidade. Enquanto eu estiver no Governo, haverá a continuidade desses programas. Não tenham dúvida nenhuma de que haverá a continuidade. Não vai haver falta de recursos.

Algumas vezes, aqui, nesta sala, o pessoal da Contag vinha falar de recursos. Eu digo: não, vocês estão equivocados. O problema não é recurso. Recurso, aí, é pequeno. Não é recurso. A questão, aí, é de organização, é de gestão, é de criar mecanismos para chegar aonde é necessário. É um desvio ficar pensando: “Ah, gastou mais, gastou menos...” Vai gastar mais. Não é isso. Nós estamos, no Brasil, num momento em que as coisas começam a mudar de sentido. Não é mais a escassez de dinheiro. É saber se o dinheiro está bem aplicado, qual é a prioridade, se está chegando na mão de quem precisa, como é que é a gestão, a administração desse dinheiro. Não vai mais ter escusa e dizer: “Ah, o Governo não quer gastar dinheiro.” O Governo está louco para gastar dinhei-

ro na área social. E, muitas vezes, não consegue gastar de forma competente, porque está faltando isso que o Pronaf está criando e outros programas que nós estamos levando, no Brasil, que são muitos.

Vocês sabem também, nós temos programa de treinamento de mão-de-obra, o Proger. Nós temos programa de criação de emprego. Temos muitos programas. E todos eles com esse mesmo objetivo. O desafio nosso é: como é que a gente deixa de atender a milhares de pessoas para atender a milhões? Porque, no Brasil, o que falta é para os milhões, não é para os milhares. Os milhares, que se organizaram no passado, já têm seus canais, já sabem como fazer, já buscam os recursos. Às vezes, utilizam bem; às vezes, mal. Agora, os milhões não tiveram, muitas vezes, nem a chance de poder tentar ver se vão aproveitar bem ou vão aproveitar mal.

Agora nós começamos a ter essa chance. Vocês são os depositários dessa esperança. Eu fico muito contente que estejam se movimentando. E vocês não têm nada que agradecer a mim. Estou fazendo apenas o que é necessário para este Brasil ser mais decente e melhor. Eu é que agradeço a vocês.

Muito obrigado.

